

**UM ESBOÇO METODOLÓGICO PARA O
PLANEJAMENTO URBANO ALTERNATIVO: UMA
ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA NA ESTAÇÃO DA
LAPA – SALVADOR, BA.**

**A METHODOLOGICAL OUTLINE FOR ALTERNATIVE
URBAN PLANNING:
A PHENOMENOLOGICAL APPROACH IN THE LAPA
STATION – SALVADOR, BA.**

**UM ESSAI METHODOLOGIQUE POUR LA
PLANNIFICATION URBAINE ALTERNATIVE : UN
ABORDAGE PHENOMENOLOGIQUE DANS LA
STATION DE LA LAPA – SALVADOR, BA.**

André Nunes de Sousa

Geógrafo, Mestrando em Geografia pela Universidade Federal da
Bahia

Membro do Grupo de Pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação
(UFBA),

Sob orientação do Prof. Angelo Serpa.

End.: Rua Nilson Costa, 494, Ed. Áurea, Ap. 101,
Vila Laura, Salvador-BA, CEP:40270550

E-mail: andrends@yahoo.com.br.

Simone Maria Santos Costa

Turismóloga, Mestranda em Geografia pela UFBA

Bolsista CNPq orientada pelo Prof. Wendel Henrique,

Membro do Grupo de Pesquisa CiTePlan – Cidade, Território e
Planejamento (UFBA)

End.: Alameda Filemon Andrade, 97, Ed. Serra do Garcia, Ap. 902B,
Garcia, Salvador-BA, CEP:40100-060

E-mail: sms_costa@yahoo.com.br.

RESUMO

Este artigo é resultado de trabalhos científicos realizados no decorrer da disciplina Fenomenologia da Paisagem oferecida no curso de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal da Bahia durante o



semestre 2008.2. A disciplina dividida em dois blocos analisou textos de autores precursores da Fenomenologia bem como autores da Geografia que se utilizam dessa mesma base filosófica. Ao findar da disciplina foi realizada uma investigação em uma paisagem escolhida pela dupla – Estação da Lapa, onde os pressupostos destes autores puderam ser avaliados. Mostramos no presente artigo os resultados alcançados.

Palavras-Chaves: Fenomenologia, Paisagem, Estação da Lapa.

ABSTRACT

This article is the result of scientific work during the discipline Phenomenology of Landscape offered by the Post-Graduate course in Geography at the University of Bahia during the semester 2008.2. The discipline divided into two blocks analyzed texts of authors considered precursors of Phenomenology as well as authors of Geography which use the same philosophical basis. By the end of the course was performed a research in a landscape chosen by the couple – Lapa Station, where the assumptions of these authors could be evaluated. We show in this article the results.

Keywords: Phenomenology, Landscape, Lapa Station.

RESUME

Cet article est résultat de travaux scientifiques réalisés au cours de la discipline Phénoménologie du Paysage, offerte par le Mastère de Géographie de l'Université de Bahia durant le semestre 2008.2. La discipline divisée en deux blocs analisa des textes d'auteurs précurseurs de la Phénoménologie ainsi que d'auteurs de la Géographie qui utilisent cette même base philosophique. A la fin de la discipline fut réalisée une investigation dans un paysage choisi par le duo d'étudiants – Station de la Lapa, où les pressupposés de ces auteurs ont pu être évalués. Nous montrons dans le présent article les résultats atteints.

Mots-clés: Phénoménologie, Paysage, Station de la Lapa.

1 INTRODUÇÃO

Partimos para a produção desse artigo do pressuposto de que precisamos re-inventar os espaços públicos das nossas cidades.



Precisamos encontrar novas formas de planejar e elaborar nossos espaços de vivência tendo como foco uma plural coletividade que possa participar ativamente do planejamento urbano dando, de fato, aos espaços comuns da vida o status de espaço público.

Os métodos fenomenológicos são vistos aqui como uma possível forma de pensarmos num planejamento alternativo. Com indicações de Edmund Husserl (2000), tentaremos no nosso estudo de caso deixar momentaneamente o processo histórico “em suspensão” e partiremos para clarear a compreensão dos significados de uma das mais utilizadas estações de transbordo da cidade de Salvador.

Deixemos a história um pouco de lado. Façamos o esforço de compreender a estação de transbordo da Lapa em todas as suas nuances, em todos os conflitos de ordem sensitiva que somos capazes de vivenciar, experimentar e apreender.

Nossos experimentos se deram no decorrer da disciplina Fenomenologia da Paisagem, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, durante o semestre 2008.2 e sob a direção do Prof. Dr. Angelo Serpa.

A realização da disciplina Fenomenologia da Paisagem teve como eixo central a busca por uma base teórica sólida e pelo desenvolvimento de procedimentos metodológicos que garantissem de modo o mais fidedigno possível, a apreensão das paisagens naquilo que elas têm de produto e produtor (marca e matriz) de diferentes idéias de mundo.

Conduzidas com rigor teórico e investindo em atividades de caráter experimental, as nossas práticas se deram com a preocupação de relacionar os textos trabalhados em sala de aula com a criação de procedimentos que confirmassem, para os estudos das paisagens, novas formas de análise.

Dividida em dois módulos, a disciplina trouxe na etapa inicial textos introdutórios de quatro filósofos precursores das fenomenologias, suas afinidades e divergências. São eles: Edmund Husserl e a fenomenologia transcendental, Jean-Paul Sartre e a fenomenologia do Ser, Merleau-Ponty e a fenomenologia da percepção e, por último, Gaston Bachelard e a fenomenologia da imaginação.



O segundo módulo da disciplina trouxe alguns expoentes da Geografia (Milton Santos, Paul Claval, Augustin Berque, James Duncan) e da Arquitetura (Kevin Lynch) que compartilham da premissa de que é possível (e importante) analisar as paisagens através de uma abordagem fenomenológica.

As relações estabelecidas entre textos e práticas serviram de base para a última parte da disciplina reservada à exposição de um objeto o qual também acreditássemos passível de uma análise fenomenológica. Assim, cada grupo propôs a análise de uma paisagem das quais falaremos sucintamente durante os procedimentos metodológicos. Sobre nosso objeto (a estação de transbordo da Lapa) discorreremos mais detalhadamente.

2 BASES FENOMENOLÓGICAS E PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DAS PAISAGENS.

O primeiro autor ao qual faremos referência é Edmund Husserl (2000). Ao definir o estudo dos fenômenos através da consciência intencional, Husserl lança as bases do pensamento fenomenológico.

O conceito de fenômeno – a apresentação de um objeto à consciência – foi um dos pontos de partida para o referido autor questionar algumas tradições do pensamento filosófico que lhes eram contemporâneas e afirmar que os objetos não estão “em nós” (idealismo), nem tampouco são puramente externos a nós (materialismo histórico). O fenômeno reside, dirá Husserl, justamente nas relações que as nossas consciências estabelecem com os objetos. Portanto, o objeto que se mostra, se mostra para uma consciência que o completa. Este objeto nunca está absolutamente dado, absolutamente pronto. Ele está à espera de uma consciência que lhe “situará” no mundo.

Outro conceito desenvolvido por Husserl que lhe permitirá analisar o fenômeno é a intencionalidade. Por meio da intencionalidade, Husserl nega a tradição filosófica que admite uma situação passiva da consciência, argumentando que diante dos aspectos dados dos objetos à consciência esta última visa sempre os aspectos não-dados. Ou seja, ao analisar intencionalmente partes de um todo a nossa consciência nos lança rumo às suas potencialidades. Podemos visar o todo analisando intencionalmente suas partes.



Husserl estabelece o par imanência-transcendência como uma das bases para a compreensão dos fenômenos. À imanência o referido autor associa a essência do fenômeno puro. As condições pelas quais o objeto se mostra a uma consciência, sem por ela ser completado. Já a transcendência seria para Husserl o não-dado do objeto ao qual nossa consciência nos lança.

Após trabalhar o par imanência-transcendência, Husserl propõe para a apreensão da essência do fenômeno o método da redução fenomenológica. Este método consiste na tarefa que Husserl acreditava possível de pormos “em suspensão” todas as situações às quais nossa consciência poderia nos remeter diante de um objeto dado e daí buscarmos a imanência deste objeto. Em outras palavras, o que este autor propõe com o método da redução fenomenológica é a apreensão do fenômeno em seu estado puro, sem o ato intencional da consciência.

A toda a vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularidade tomada) como dado absoluto. Toda a posição de uma “realidade não-imanente”, não contida no fenômeno, se bem que nela intentada e, ao mesmo tempo, não dada no segundo sentido, está desconectada, isto é, suspensa (HUSSERL, 2000, p.71).

Pensando em todas essas questões, foi sugerido por um grupo de colegas mais o professor da disciplina, um exercício no qual pudéssemos testar o método de redução fenomenológica.

Foi organizada uma saída de campo para o bairro da Barra – mais precisamente para a estátua do cristo, em frente ao mar – onde a turma se dividiu em duplas para exercitar o método. Desse modo, cada dupla escolheu uma paisagem na tentativa de apreender sua imanência (o fenômeno puro) deixando, momentaneamente, a transcendência de lado. Posteriormente, a turma se reuniu para expor as descrições feitas por cada dupla.

Foi interessante perceber quão difícil foi para as duplas separar o imanente do transcendente e, igualmente, o quanto permeou por todas as duplas uma idéia de paisagem como algo distante, excessivamente externo a nós.



O segundo fenomenólogo com o qual trabalhamos foi Jean-Paul Sartre, fazendo menções diretas ao que considerava um verdadeiro avanço na teoria de Husserl, que deslocou as atenções para o fenômeno, para o campo das relações que o sujeito estabelece com o objeto, Sartre inicia a sua obra *O Ser e o Nada*. Embora entusiasmado com as novas formas de análise, Sartre não demora a lhes dirigir sérias ponderações.

Uma das primeiras questões levantadas por Sartre (2005) é a sua descrença na possibilidade de separação entre imanência e transcendência, tal como propunha Husserl ao elaborar o método da redução fenomenológica. Para Sartre, o aparecer de um objeto, ou seja, a apresentação deste objeto à consciência é sempre transcendente.

Por não acreditar numa imanência pura, Sartre rejeita a idéia de que a aparição de um objeto esconda a sua verdadeira essência.

O fenômeno não indica, como se apontasse por trás do seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto (...) Tudo está em ato. Por trás do ato não há nem potência, nem “hexis”, nem virtude. A aparência não esconde a essência, mas a revela; ela é a essência (SARTRE, 2005, p.16).

Estes pontos de divergência com a teoria de Husserl conduzem igualmente Sartre à divergência de método com este autor.

A essência do fenômeno, dirá Sartre, encontra-se na série de aparições de um objeto à consciência. Na capacidade que uma consciência tem em reconhecer um objeto diante das infinitas possibilidades de apresentação deste objeto a esta consciência.

Buscando a essência do fenômeno nesta série de aparições, Sartre chama a atenção para o fato de que a busca desta essência não deve se dar somente no que aparece, mas, sobretudo, no que não aparece. Para este autor, o ser jamais se separa do não-ser.

“[...] seria impossível, por exemplo, definir o ser como uma presença – porque a ausência também revela o ser, já que não estar aí é ainda ser” (SARTRE, 2005, p. 17).

Seguindo as indicações de Sartre e pensando, sobretudo, na idéia proposta por esse autor de que a essência do fenômeno pode ser



apreendida numa série de aparições deste fenômeno, foi proposto, por outra dupla de alunos mais o professor, a apresentação de dois objetos (praia e feira) ao restante da turma numa série de fotografias de imagens bastante diversificadas. A idéia foi apresentar uma primeira paisagem para que a turma pudesse divagar sobre ela e descrever a quais sensações estas imagens lhes remetiam. Em seguida, foram mostradas as outras imagens que compunham a série para que pudéssemos fazer um contraponto entre elas e para que clarificássemos os significados destas paisagens.

Diferente da prática que se baseou no texto de Husserl, a prática deste texto trouxe a surpresa da constatação que as pessoas envolvidas nesta dinâmica se colocaram muito mais junto às paisagens apresentadas. Evidenciamos isto nos diferentes relatos que traziam sensações (sobretudo nas imagens da feira) de calor humano, suor, barulho, cheiro/odor, etc.

O terceiro filósofo com o qual trabalhamos foi Merleau-Ponty (2004), o qual traz como particularidade teórica perante os outros fenomenólogos trabalhados, a posição central em que coloca o corpo humano na sua obra. Corpo que, segundo o autor, se mostra como o instrumento adequado para apreendermos a essência dos fenômenos.

Merleau-Ponty nega a idéia de espaço homogêneo capaz de ser apreendido por uma inteligência sem corpo (não-sensitiva) e parte para pensar o espaço de modo heterogêneo, balizado por nossas particularidades corporais. E é a partir da percepção corporal que Merleau-Ponty defende a idéia de “humanização” das coisas do mundo.

Ao definir que as qualidades das coisas são apenas diferentes manifestações destas mesmas coisas, Merleau-Ponty (2004) se aproxima da teoria sartriana que entende as qualidades como reveladoras do ser. Ou seja, são aspectos que se apresentam à consciência (que para Merleau-Ponty é, sobretudo, perceptiva, aberta, falha, mutável) e que revelam a essência do fenômeno.

No que toca aos métodos de análise, o corpo não poderia ter outro caráter senão também central na apreensão dos fenômenos.

Argumentando sobre a percepção originária – diferente da percepção cotidiana, pragmática, repleta de questões apriorísticas – Merleau-Ponty se aproxima de Husserl por acreditar que as sensações primeiras, livre de transcendências poderiam ser buscadas.



Pensando nessas questões, desenvolvemos uma atividade no Parque da Cidade, localizado no bairro do Itaigara.

Na busca pela percepção originária e pelas verdades das coisas que podemos apreender através do corpo segundo as indicações de Merleau-Ponty, separamos novamente a turma nas mesmas duplas que realizaram as práticas anteriores e realizamos um exercício no intuito de contemplar todas as possibilidades sensitivas do corpo, tentando apreender e descrever as paisagens a partir das mesmas.

O primeiro passo do exercício foi vendar os olhos. Assumimos esta postura por acreditarmos que damos à visão lugar privilegiado perante as diversas possibilidades sensitivas que nosso corpo dispõe e por pensar que este “excesso” de visão acaba por ofuscar estas múltiplas possibilidades.

Alguns pontos interessantes nos chamaram a atenção nesta prática: a sensação de que através de outros sentidos, tal como a audição, a amplitude da paisagem tende a ser reduzida (os objetos parecem mais próximos); a ausência de alguns elementos (no caso do parque foram os animais) se evidenciou mais também através da audição; o tato nos aparelhos de recreação infantil trouxe alguma sensação de monotonia (foi o caso do labirinto infantil); os cheiros que traziam sensação de vegetação podada (área com algum tipo de cuidado).

Outro precursor do pensamento fenomenológico com o qual trabalhamos foi Gaston Bachelard.

Trabalhando com as imagens poéticas – aquelas que guardam relações com arquétipos adormecidos no inconsciente das pessoas – Bachelard (1998), busca a transsubjetividade que acredita haver nestas imagens. Algo capaz de sensibilizar as múltiplas subjetividades que as apreendem.

Em verdade, o que o autor busca é medir a força, a amplitude e o sentido desta transsubjetividade. Em outras palavras: o poder que estas imagens têm em atrair e/ou repelir distintas subjetividades.

As relações entre as imagens poéticas e a diversidade de consciências para as quais estas imagens se apresentam têm, para Bachelard, um caráter iminente dialético. Estas relações se transformam a todo instante.

“Toda esta subjetividade, transsubjetividade, não podem ser determinadas definitivamente. A



imagem poética é, com efeito, essencialmente variacional” (BACHELARD, 1998, p. 03).

Há, na obra de Bachelard, dois pares dialéticos que devem ser descritos e analisados para uma melhor compreensão do seu pensamento.

O primeiro par dialético diz respeito ao que o autor chama de alma-espírito. À alma, Bachelard associa muito mais ao campo das emoções, ao jogo de sensações do qual participamos em muitos momentos de modo inconsciente. Já o espírito, estaria muito mais ligado à esfera do intelecto, da razão.

Em nossa opinião, a alma e o espírito são indispensáveis para estudarmos o fenômeno da imagem poética em suas diversas nuances, para que possamos seguir, sobretudo, a evolução das imagens poéticas desde o devaneio até a sua execução (BACHELARD, 1998, p. 06).

Para o autor a imagem poética toca antes as emoções do que a razão. A imagem evoca emoções que precedem e preparam o pensamento.

O segundo par dialético que se deve analisar para uma melhor compreensão da obra de Bachelard é o par ressonância-repercussão. A ressonância estaria ligada a esta capacidade da imagem poética sensibilizar as diversas subjetividades, enquanto a repercussão estaria mais ligada às formas pelas quais estas subjetividades ou consciências se apropriam destas imagens e as re-elaboram. É na repercussão que Bachelard acredita que a imagem poética ganha sonoridade de ser.

Quanto aos métodos de análise das imagens poéticas, Bachelard propõe algumas diretrizes tais como tomarmos a imagem poética de forma isolada apreendendo o seu “aqui e agora”, método este que vai de encontro a métodos propostos por outros fenomenólogos como, por exemplo, Sartre que acredita que a essência do fenômeno está na série de aparições do mesmo, e não na sua aparição isolada. Outra diretriz proposta por este autor é o “não-saber” como condição prévia para a apreensão de uma imagem poética. Ou seja: tentarmos nos despir da bagagem de informação que trazemos sobre aquela imagem para sentirmos a quais sensações sua aparição nos remete.



Método que se aproxima da redução fenomenológica proposta por Husserl.

Assim como os outros fenomenólogos que aparecem neste trabalho, a obra de Bachelard é marcada por uma crítica a tradição filosófica que admitia uma postura passiva da consciência.

Para Bachelard, diante da imagem poética “... o engajamento do ser imaginante é tal que ele deixa de ser simplesmente o sujeito do verbo adaptar-se. As condições reais já não são determinantes”. (1998, p.13).

Com essa passagem, Bachelard anuncia o caráter vanguardista do ato de imaginar. Sua força de produzir outras realidades.

Pensando nas paisagens, somos levados a crer que é dessa forma então que os espaços imaginados atraem e intensificam a relação entre a exterioridade e a interioridade do ser imaginante, entre o mundo externo e a intimidade.

Pensando em todas estas questões, as nossas práticas seguiram em direção aos métodos propostos por Bachelard tentando descobrir formas de apreender as paisagens.

Foram duas as práticas realizadas: num primeiro momento, buscando trabalhar com o par dialético interioridade-exterioridade, foi proposto que a turma vendasse os olhos dentro da sala de aula para que pudéssemos ser conduzidos por uma das duplas. A dupla condutora trouxe alguns objetos para despertar a nossa imaginação.

Com o artefato de sons e incensos utilizados pela dupla condutora pudemos perceber como a nossa imaginação pode nos remeter a lugares os mais diversos: dos mais íntimos dos nossos sentimentos (medos, ansiedades, alegrias, lembranças) até paisagens criadas, totalmente novas, como se a nossa imaginação inaugurasse uma realidade.

A segunda prática se baseou em um fragmento de texto extraído do livro *Noites Brancas* de Dostoievski e um poema de Octavio Paz. Além das indicações de Bachelard sobre o poder subversivo da imaginação, da sua capacidade em criar novas realidades é notória as relações com Merleau-Ponty, que nos convida a humanizar as coisas do mundo. A relação que a personagem de Dostoievski estabelece com as casas da rua onde mora passa de uma aparente imaginação banal para um direcionamento das suas ações concretas.



3 PENSANDO OS MÉTODOS FENOMENOLÓGICOS PARA NOVAS PAISAGENS: O CASO DA ESTAÇÃO DA LAPA.

Como nos foi dada a tarefa de pensarmos em alguma paisagem na qual pudéssemos realizar uma investigação fenomenológica sobre sua natureza, sobre suas qualidades, sugerimos a análise de uma estação de transbordo: a Estação da Lapa.

Esta escolha se justifica pelo fato de esta estação ser um espaço para onde convergem, diariamente, milhares de pessoas que não o utilizam apenas como local de passagem, permanecendo nesta área por vezes em porções de tempo bastante alongadas.

Pensando em todo o referencial teórico com o qual trabalhamos neste texto, na teoria e nos métodos propostos pelos quatro filósofos que lemos, acreditamos que seria possível analisar a qualidade desta estação de transbordo tanto para os usuários que a utilizam de modo mais fluido, mais efêmero, bem como para aqueles que trabalham nesta área e que lá permanecem o dia inteiro.

Diante dos diferentes métodos propostos pelos quatro autores, acreditamos que a fenomenologia da percepção e os métodos do Merleau-Ponty nos ajudariam mais nesta análise.

Pensando que podíamos nos valer da diversidade de percepção sensitiva que nosso corpo dispõe para analisar de que forma a paisagem desta estação de transbordo “fala” aos nossos sentidos, a que ela nos remete e como podemos imaginar outras possibilidades de paisagens para esta área de interesse coletivo, seguimos para esta estação a fim de encontrarmos algumas pessoas que pudessem nos ajudar a compreender tal paisagem.

Relatamos a partir de agora a nossa experiência:

Estação da Lapa, sexta-feira, 21 de novembro de 2008, às 11:30h.

Primeiras impressões:

A manhã estava chuvosa, a cidade estava calma, um dia atípico, parecia feriado. A estação da Lapa estava “tranquila” apesar do horário. O fluxo de pessoas e ônibus era bem menor do que de costume nesse horário, porém o ir e vir apressado e aparentemente desencontrado das pessoas se fazia presente.

Tiramos algumas fotos da Estação:



1. Área de maior concentração das lanchonetes: tinha um número considerável de pessoas lanchando apressadamente, outros pareciam contemplar a paisagem urbana procurando forças para seguir em frente, muitos conversavam e alguns trabalhavam em ritmo frenético. Alguns com olhares desconfiados nos fitavam a todo o momento e algumas vezes ficamos desconfiados e com certo medo de nos roubarem a máquina fotográfica, muito por conta do aviso de uma senhora que observava atenta ao movimento, e que nos alertou: “cuidado, tem muito pivete, ladrão por aqui?”. Mas insistimos, não sabemos se pela curiosidade ou pela imprudência e continuamos a fotografar. Ainda nesse pavimento, porém fora da área das lanchonetes, o movimento era constante, o mau cheiro era forte na área dos sanitários, o cheiro era forte e desagradável.

2. Primeiro pavimento: Descemos para o andar de baixo, onde chegam e partem os ônibus, realmente estava um dia estranho, obscuro... Tiramos algumas fotos e também fomos bastante observados (Figura 01).



Figura 01. Visão parcial das lanchonetes e primeiro pavimento da estação da Lapa. Fonte: acervo dos autores.

3. Subsolo: Descemos para o subsolo... O ambiente era péssimo, sujo, úmido, abafado... Tiramos ainda algumas fotos e filmamos também (Figura 02).



Figura 02. Sub-solo da estação da Lapa. Fonte: acervo dos autores.

O encontro com os garotos:

Voltando para o pavimento superior, na área das lanchonetes, encontramos um grupo de jovens estudantes, na faixa entre 15 e 17 anos, do Colégio Central da Bahia, que estavam conversando. Aproximamos-nos e puxamos conversa com eles. A princípio nos olharam com aquela cara de: “o que é que eles querem por aqui? Deve ser alguma chaticel?”. Achamos melhor ignorar a nossa leitura momentânea e continuar o trabalho.

Nosso diálogo se deu mais ou menos assim:

- **Olá, tudo bem? Vocês são do Colégio Central?**
- Somos.
- **Legal. E pegam ônibus todo dia aqui na Lapa?**
- É.
- **Bem, nós não freqüentamos muito aqui e precisamos entender como isso aqui funciona, será que vocês poderiam nos ajudar?**
- Depende. É o que? De onde vocês são?
- **Nós somos da UFBA e queremos saber o que vocês acham daqui?**

Começamos a anotar e as respostas foram coletivas, ou melhor, não nos preocupamos em anotar as respostas individualmente.

- Aqui é massa, é da hora, a gente vem pra cá na hora que acaba a aula, a galera se junta pra ficar zoando, comendo, fazendo hora pra ir pra casa... ou pro trabalho...

- **(Simone) Se eu pedisse pra vocês fazerem uma descrição daqui pra mandar pra uma pessoa que nunca veio aqui. Como vocês descreveriam?**

- A Lapa é massa, é o bicho... Tem gente pá porra, o tempo todo. É colado com o Piedade (shopping), perto do Colégio, perto da cidade toda. Num para não. Tem três andares... Esse aqui, o de baixo, e o outro lá.

- **Que mais?**

- Tem aqui as lanchonetes, é da hora.

- **E quando o metrô começar a funcionar?(o projeto de metrô passa pela estação).**

- ÔÔÔÔÔÔ... Pelo visto vai demorar... Nem sei! Deve ficar melhor, né?

- **Se vedássemos os olhos de um de vocês e andássemos por aqui, pela estação, o que será que ia mudar? Vocês só teriam os outros sentidos... Audição, olfato, paladar, tato, etc.**

- Oxi? Como é isso?

- **Como se vocês de repente ficassem cegos.** (Contamos a nossa experiência no Parque da Cidade, no bairro do Itaipara).

- Oxi, lá na faculdade vocês brincam de cabra-cega, é?

Todos rimos.

- **Vamos tentar?**

Ficaram todos rindo e um jogando para o outro. Demos uma incentivada e a garota F. de 16 anos topou. Explicamos como seria a “brincadeira”, vedamos os olhos dela e começamos. A turma toda acompanhou na maior agitação. Quem a guiou foi C. 16 anos. Nós observamos e acompanhamos.

C. a rodou, andou pela rampa de acesso ao shopping Piedade, voltou para a estação e parou em frente a uma livraria Sebo. Durante o percurso ela demonstrou um pouco de medo, mas logo confiou na colega. Durante o percurso falou que tinha a sensação de estar todo mundo olhando pra ela, que estava “pagando o maior mico”. Quando C. parou, ela começou a falar:

- Ai meu Deus, tem muita gente andando, ta todo mundo me olhando, tem cheiro de mofo aqui. Que



banheiro fedido. Tem um homem vendendo cartão de telefone. Acho que estou perto dessa ladeira que desce, que dá aqui na Lapa. Essa do lado do Piedade. Tem muita zoada... Um povo gritando lá longe... Pra vender. Eu não vou pegar em nada não... Parece que ta tudo sujo... Posso tirar isso? Não gostei não, esse negocio de ficar cego, Deus é mais...

Nos todos pedimos pra ela continuar, mas ela estava com medo de cair, de pegar em alguma coisa suja, de ser “atropelada” pelas pessoas. Nós a questionamos:

- **Mas você não conhece a Lapa? Não vem todo dia aqui? Sobe e desce as escadas, vai para as lanchonetes?**

- Mas de olho fechado nem sei sair daqui...

C. a levou para frente do sanitário...

- Jesus! Que carniça! Pra onde tu ta me levando? Quero mais não!!!

Ao tirar a venda, F. se admirou por não ter se afastando tanto do lugar onde ela estava e lembrou que nem tinha descido a escada.

Pedimos para mais alguém tentar. Dessa vez foi a garota J. que aceitou. J. tem 16 anos e também foi conduzida por F. que dizia que ia “se vingar”.

- Jesus ascende à luz!

Todos riram. F. circulou com J., desceu a escada rolante. Foi o maior problema porque teve muito medo de cair. F. teve a ajuda de um colega da turma.

- Meu Deus, como é que cego consegue andar? Vixi que beco! (se referindo a escada rolante, que é bem estreita, ela parecia saber para onde estava indo).

F. deu várias voltas e subiu a metade da escada de cimento, andou até a outra extremidade e desceu novamente. Parece ter sido o suficiente para J. não saber mais onde estava.

- Tem muita gente aqui, barulho de carro, ônibus. Eu não sei se to em cima ou lá em baixão. Ta abafado... um cheiro bem ruim. Tem muita zoada, eu não to escutando nada!!! Dá medo mesmo porque a gente não sabe pra onde vai e onde ta... Tem gente vendendo coisas ali... Nem dá pra ouvir a zoada da cidade! Nem sei para que



lado ela ta! Tem um menino chorando, alguém perguntando de ônibus, uma confusão!

F. resolveu subir as escadas novamente (de cimento). Ao pegar no corrimão J. falou:

- Que nojo, que ferro grudento...

F. foi com ela até a lanchonete e durante o percurso teve as mesmas sensações de Fabiana.

- Ta todo mundo me olhando, né? Ave Maria! Dá até medo de andar... Parece que vou bater em todo mundo... Vai devagar! Pra onde eu to indo? Gente, que cheiro de gordura... Eu vou ficar podre de gordura... Meu cabelo vai ficar fedendo... Fede muito! Esse cheiro é muito forte de gordura, eu to ficando enjoada. Eu to onde?

Ao tirar a venda, J. nem acreditou que estava onde costuma ficar todos os dias, e que às vezes lanchava também. Comentou que adorou a experiência, mas sentiu um pouco de medo porque não sabia onde estava, mas também sabia que nada ia acontecer, pois estávamos com ela. Disse que achava tudo “muito louco”, que parecia não conhecer aquele lugar e que a zoadá não deixava “ver” outras coisas.

G., 17 anos, influenciado pelos meninos, resolveu experimentar. Foi conduzido por um garoto o qual não registramos o nome. O garoto que o conduziu o levou para fora da Lapa desceu uma rapa até o shopping Piedade, subiu a escada rolante e desceu a rampa que dá acesso à estação da Lapa, andou até a escada central, desceu, circulou pelos pontos de ônibus, fez G. passar por baixo de uma barra de ferro que separa o ponto da pista.

- Já sei vocês tão me levando... Pro metrô, né? (G. reclamou porque a “brincadeira” era pra fazer dentro da Estação da Lapa).

- Já to tonto... Anda devagar seu porra!!! Vou lhe dá uma broca, viu!

O garoto desceu para o subsolo pela escada de cimento e no último degrau pediu para G. se abaixar para não bater a cabeça (sendo que não havia obstáculos).

- Pô velho, ó a brincadeira... tem rato aqui não, né? Professora, a senhora ta aí? Isso é o esgoto, né? Posso ficar em pé?



- Rapaz, isso aqui ta doido, ta molhado, um cheiro de mofo, um cheiro de “rabugem de cachorro molhado”.
- Uma zoadá retada. Não tem vento... É abafado, quente, quero sair daqui! Que viagem!

Pedimos calma a ele e que nos descrevesse suas sensações durante aquele passeio. Ele falou o seguinte:

- Rapaz... Acho que todo mundo ta olhando.
- Muita gente passando.
- Tinha gente correndo.
- O cheiro é brabo!
- No início estava mais fresco, depois ficou quente e depois mais quente e escuro... No começo não fedia tanto, mas teve uma parte que acho que foi o banheiro... Tava podre.
- Tava mais escuro ainda e abafado... Parece um tubo grande de esgoto... e essa zoadá?!

Durante o período que estive no subsolo, G. permaneceu abaixado e não se mexeu pra não tocar em nada. Ficou tão preso à idéia de estar num esgoto que não se deu conta do movimento que estava em volta. Só ao final foi que nós dissemos a ele que podia ficar de pé, e que ele então percebeu o som mais próximo dos ônibus, das pessoas. Quando retirou a venda e viu que estava no subsolo, ficou bastante surpreso.

Voltamos para o primeiro piso e durante o percurso, em meio as brincadeira eles colocaram coisas como:

- É diferente mesmo... Sem ta vendo é bem difícil!
- Parece que é mais sujo.
- Dá medo porque a gente não sabe pra onde está indo.

Os garotos se mostravam bastante surpresos, dizendo não entender como os cegos conseguem andar sozinhos (há uma escola de cegos próxima a estação da Lapa).

Diziam também que a Estação da Lapa é ótima, que gostam muito do local, mas que precisa melhorar muita coisa ainda por lá. Chamavam nossa atenção para o fato de ter muito roubo e que a noite é bem mais perigosa.

Sobre a construção do futuro metrô, acham que este pode melhorar ou piorar as coisas na Lapa, dependendo das ações que o governo irá implementar em toda a área.



- Tudo ficou mais forte. (Repetiu mais uma vez um dos garotos)

Conversamos um pouco mais com os garotos ao passo que nos despedíamos e íamos embora.

4 CONCLUSÃO

A disciplina Fenomenologia da Paisagem nos proporcionou novas experiências metodológicas e a certeza de que é possível pensar em outras formas de planejarmos nossas cidades.

A leitura dos precursores da Fenomenologia com os quais trabalhamos nos ensinou a nos relacionarmos com os nossos objetos numa outra perspectiva que não aquela que toma o fenômeno como algo dado e, por isso mesmo de difícil transformação. A fenomenologia inaugura uma nova realidade.

Seja no caráter subversivo em criar outras realidades dado à imaginação por Gaston Bachelard, sejam nas potencialidades do corpo humano trabalhadas por Merleau-Ponty, ou mesmo na ruptura com “assombrações metafísicas” que dariam aos fenômenos mistérios inapreensíveis pela consciência presente em todos os autores trabalhados, surge uma nova forma de elaborarmos o mundo comum.

Os exercícios propostos pelos colegas juntamente com o professor da disciplina nos prepararam para irmos à Estação da Lapa despidos de qualquer idéia pré-formulada sobre os significados do lugar às pessoas que o experimentam diariamente. Exercício difícil, mas necessário!

Com esses garotos aprendemos quão difícil é se debruçar sobre esse emaranhado de emoções para entender como um local repleto de problemas de ordem físico-estrutural, de insalubridade e poluição de toda ordem, pode ser o mesmo local que “é da hora”, que “é massa”!

A discussão de onde termina a dimensão material e objetiva e onde se iniciam os anseios subjetivos, os sentimentos de pertencimento e de zelo pelos espaços de vivência são, talvez, as principais contribuições do presente artigo.

Concluimos com outro autor que não foi foco central da disciplina nem tampouco é um “fenomenólogo nato”. Deixamos por fim uma provocação de Henri Lefebvre (1991, p. 127) que indaga: “Por que o imaginário acarretaria fatos apenas fora do real, em lugar



de fecundar a realidade? Quando o pensamento se perde no e pelo imaginário, é porque esse imaginário é manipulado”.

5 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas*. Introdução à Fenomenologia. 2º Ed. Porto: Pré-Editora, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo. Editora Moraes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas – 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

